

“OUTRA VEZ, PROFESSOR?” percepções de alunos em relação à Educação Física

Maria Claudia Pinheiro¹
Rui Pinto²
Alberto Albuquerque³
Antonino Pereira⁴

RESUMO

Este estudo teve como objetivo conhecer o nível de (in)satisfação dos alunos das escolas Básica 2/3 Ciclos Jorge Montemor e Escola Secundária de Montemor em relação às unidades temáticas abordadas. Foi aplicada uma entrevista estruturada a 72 alunos entre os 11 e os 19 anos de idade. A disciplina de EF surgiu como uma das preferidas dos alunos. As escolhas dos alunos, em termos de modalidades, recaíram sobre o voleibol, basquetebol, futebol e atletismo. Atividades na natureza ou ao ar livre, desportos que envolvam algum risco e modalidades de cariz mais individual foram as sugestões citados pelos alunos.

Palavras-chave: Educação Física; (in)satisfação; Percepções; Alunos.

-
- 1 Departamento de Educação Física e Desporto/Instituto Superior de Maia. Maia, Portugal. E-mail: pinclaudia@gmail.com.
 - 2 Professor de Educação Física/Escola Secundária de Montemor. Portugal. E-mail: ruizitop@yahoo.com.
 - 3 Coordenador do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários. Instituto Superior de Maia. Maia, Portugal. E-mail: aalbuquerque@docentes.ismai.pt.
 - 4 Professor na Escola de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Viseu, Portugal. E-mail: apereira@esev.ipv.pt.

INTRODUÇÃO

É algo frequente para muitos professores de Educação Física (EF) ouvirem por parte dos alunos o seguinte desabafo “Outra vez isto, professor!?”. Tal expressão imediatamente suscita algumas questões, nomeadamente o que leva o aluno a manifestar-se desta forma? Será o professor? Será a sua forma de lecionar? Será a insatisfação própria dos jovens? Será o cansaço provocado pela repetição ano após ano da leção das mesmas matérias? Será a forma dos alunos com dificuldades de desempenho motor esconderem o seu embaraço? Ou serão aqueles que em determinada(s) modalidade(s) têm uma facilidade de execução e, por desmotivação, deixam que se instale o tédio? Com efeito, o que esta expressão parece indicar é a existência de um descontentamento, ou seja, insatisfação por parte dos alunos em relação às aulas de EF. Este descontentamento necessita de ser analisado e compreendido para que, as decisões curriculares e pedagógicas a serem tomadas visem, sempre que possível, a promoção de experiências positivas que possam contribuir para um aumento dos sentimentos positivos em relação a esta disciplina, tendo em conta que são vários os autores que referem que a Educação Física tem o potencial para contribuir para o desenvolvimento dos jovens no âmbito dos domínios físico, social, afetivo e cognitivo (BAILEY, 2006; BAILEY et al., 2009).

No processo de ensino e de aprendizagem é reconhecida a importância da motivação dos alunos, uma vez que, caso sintam prazer e desejo pelas aulas, os alunos tornam-se mais ativos, prestando mais atenção às explicações e questionando-as; cooperam mais com os colegas, interessam-se

pelas suas ações, sentindo mais prazer e vontade de aprender nas aulas de EF (FOLLE; POZZOBON; BRUM, 2005; MORENO; HELLIN, 2007). Porém, o que se verifica em várias situações é que no seu quotidiano profissional, muitos professores são confrontados com uma grande falta de motivação por parte de vários alunos, o que pode levá-los a vivenciar “experiências frustrantes, o desinteresse e a indisposição para alcançar os objetivos educacionais” (MULLER, 1998 apud FOLLE; POZZOBON; BRUM, 2005, p. 147).

Caldas e Hubner (2001), no seu estudo sobre o desencantamento com o aprender na escola, referem que a maioria dos alunos enfrenta essa situação, à medida que avança no nível de ensino. Também, Moreno e Hellin (2007) indicam que a perda de atitudes positivas na disciplina de EF aumenta com a idade. Perante este cenário, Caldas e Hubner (2001, p. 79) afirmam que os professores “precisam de auxílio, especialmente no planeamento de contingências que assegurem um ambiente positivo e agradável para a aprendizagem, resultando na manutenção do encantamento demonstrado pelos alunos dos níveis iniciais”.

De acordo com vários estudos (EARL; STENNETT, 1987; LUKE; SINCLAIR, 1991; MORENO; CERVELLÓ, 2004; MORENO, et al., 2002) o grau de (in) satisfação dos alunos pela disciplina de EF poderá ser condicionada por vários fatores, nomeadamente os conteúdos do currículo, os hábitos de prática desportiva, tanto do aluno como da sua família e amigos, o género do professor e do aluno, a importância que os alunos concedem à disciplina segundo as características do professor, vivências anteriores de aulas de educação física, as habilidades motoras do aluno e a socialização do

fenômeno físico-desportivo favorecida pelos meios de comunicação social.

Estudos indicam que a disciplina de EF é assinalada como uma das, se não a, preferida de entre as que constituem o currículo escolar (FERREIRA, 2005; PAIANO, 2006), na certeza, porém, que o gênero masculino “demonstra mais interesse” e “gosta mais” do que o feminino (MORENO; HELLIN, 2007). De uma forma geral, os estudos demonstram, ainda, que o interesse pela disciplina aumenta à medida que se reconhece a importância que esta tem na obtenção do sucesso em outras áreas (FERREIRA, 2005; MORENO; HELLIN, 2007).

A (in)satisfação dos alunos pode também estar relacionada com a relação que estes mantêm com os docentes. Com efeito, Caldas e Hubner (2001), indicam que a escolha de atividades agradáveis e desagradáveis na escola foi associada à relação com o professor, cuja justificação escrita de forma espontânea era “Por causa do professor” (p.79).

A relação entre colegas poderá também ser um fator de (in) satisfação e levar ao afastamento da participação na aula, como forma de se distanciarem de relacionamentos indesejados. Diz Paiano (2006, p. 56) que “O desrespeito, as humilhações e as gozações” [a que certos grupos de] “alunos menos habilidosos são submetidos na EF, surgiram como principal fator para a sua “fuga” das aulas”.

Embora as questões didático-metodológicas possam ser discutidas em separado do relacionamento entre aluno e professor, na prática, ambas se fundem e têm por consequência o maior ou menor grau de satisfação dos intervenientes deste processo. Sobre este assunto, Ferreira (2005, p. 129) concluiu que:

“Torna-se, portanto, pertinente, que os professores estejam conscientes de que as aulas de Educação Física devem comportar exercícios diversificados e que vão ao encontro dos gostos e necessidades dos alunos e não somente o dever de se cumprir o programa estipulado, podendo mesmo “conversar sobre a aula” que vão realizar como nos sugere um inquirido, o que revela que se sentem à vontade para expressar as suas opiniões e sugestões”.

O mesmo se passa na gestão e planeamento curricular. É importante evitar o aparecimento de rotinas de que os jovens não gostam. Há que dar azo à novidade, à criatividade, à flexibilidade na certeza de se tentar ir ao encontro dos interesses dos alunos. Neste sentido, existem estudos que referem que a escola ao dar prioridade aos desportos coletivos mais conhecidos (Futebol, Basquetebol, Voleibol e Andebol), não atende a todos os gostos e interesses dos alunos (MARTINELLI, et al., 2006; PAIANO, 2006). Num estudo efetuado só com raparigas, é referido que estas não gostavam das aulas de EF porque não gostavam das propostas curriculares apresentadas, particularmente, nas modalidades de voleibol, basquetebol, andebol e futebol e sugeriam como alternativa matérias como a ginástica, atletismo, ginástica artística, dança, natação e yoga (MARTINELLI et al., 2006).

Neste sentido é fundamental que a escola, os departamentos de EF e os professores ampliem o leque de atividades a fim de proporcionarem vivências positivas, aumentarem a participação dos alunos e principalmente contribuírem para um aumento de sentimentos positivos em relação à EF. Várias pesquisas têm sugerido que se os alunos tiverem oportunidade de se envolverem na escolha das atividades a

desenvolver nas aulas de Educação Física tal irá aumentar a sua motivação intrínseca, e, conseqüentemente, a sua participação. Estes resultados poderão ajudar os professores a escolher os conteúdos e a selecionar as estratégias de modo a proporcionarem aulas que vão ao encontro dos anseios e motivações dos alunos (SILVA FILHO, 2012). Em suma, conhecer e compreender os alunos, procurar os seus interesses e dialogar com eles, visando o seu interesse e motivação, poderá elevar o nível de participação e satisfação pela disciplina.

Reconhecido que é o papel ativo do aluno na construção do seu processo de ensino e de aprendizagem e convictos de que o professor se deve assumir como um profissional justo, honesto, exigente, inspirador de confiança compreensivo, disponível, amigo, competente, ativo e reflexivo (ALBUQUERQUE; GRAÇA; JANUÁRIO, 2005), quisemos que esta investigação tentasse identificar alguns desses interesses no âmbito da disciplina de EF, mais propriamente, das preferências das matérias a abordar, constituindo-as como um dos pontos para a reflexão sobre a satisfação ou insatisfação dos alunos. Assim, este estudo teve como objetivo procurar conhecer o nível de (in) satisfação dos alunos das escolas Básica 2/3 Ciclos Jorge Montemor (EBJM) e Escola Secundária de Montemor (ESM) em relação às unidades temáticas abordadas.

METODOLOGIA

No que respeita às estratégias metodológicas, a nossa investigação baseou-se em estudos de caso múltiplos do tipo exploratório. O estudo de um caso visa essencialmente “a compreensão do

comportamento de um sujeito, de um dado acontecimento, ou de um grupo de sujeitos de uma instituição, consideradas como entidade única, diferente de qualquer outra, numa dada situação contextual específica, que é o seu ambiente natural” (SOUSA, 2005, p. 139). Para Bogdan and Birklen (1994, p. 97), “Quando os investigadores estudam dois ou mais assuntos, ambientes, ou bases de dados, realizam estudos de caso múltiplos”. Yin (1993, apud SÁ, 1997, p. 14) define que um estudo de caso exploratório “tem por objetivo a definição das questões e hipóteses de um posterior estudo ou de determinar a viabilidade dos procedimentos da pesquisa desejada”.

O grupo de estudo foi constituído por 72 alunos das escolas EBJM e ESM (36 alunos de cada género) com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos. 24 alunos frequentavam o 6º ano de escolaridade, 18 o 9º ano de escolaridade e 30 o 12º ano de escolaridade. Estes alunos foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios: seis alunos por turma que frequentassem o ano letivo terminal de cada ciclo (6º, 9º e 12º ano); dois alunos (rapaz / rapariga), com os níveis de classificação mais elevados, médios e mais baixos por turma, respetivamente; os professores de EF indicaram os alunos, com base nas classificações obtidas no 2º período letivo.

A recolha de dados foi feita através de uma entrevista estruturada elaborada para este estudo, com base nas experiências dos investigadores e na literatura. Após a sua elaboração, a entrevista foi analisada por especialistas na área e foi testada junto de estudantes que não faziam parte do grupo de participantes. Após todo este processo não se sentiu necessidade de proceder a qualquer alteração, pelo que, foi então aplicada

ao grupo de participantes. Esta entrevista centrou-se nos seguintes domínios: dados pessoais; interesse curricular escolar; interesse pela disciplina de EF; preferência das matérias lecionadas; experiência desportiva; satisfação. Na sua elaboração privilegiamos as respostas abertas (doze) e colocamos seis respostas fechadas, umas, apresentando a lista das respostas previstas de entre as quais se solicitava que nos indicassem a resposta mais correta; outras, ordenando a totalidade das respostas propostas; e algumas ainda, de resposta direta do tipo sim/não. A recolha dos dados decorreu durante as aulas de EF e após terem sido obtidos os consentimentos dos Diretores das escolas e dos encarregados de educação dos alunos a serem entrevistados.

A informação recolhida através das respostas fechadas, foi submetida a uma análise estatística tendo sido elaboradas tabelas de frequências. As respostas abertas foram sujeitas a uma análise de conteúdo.

Durante a recolha e análise dos dados obtidos estivemos sempre preocupados com o facto de o nosso grau de envolvimento poder influenciar a interpretação da informação (ELIAS, 1987). É importante realçar que estávamos a estudar algo com que um dos investigadores estava envolvido (um dos autores pertencia no momento da investigação ao departamento de EF de

uma das escolas participantes no estudo). No entanto, através do seu distanciamento este investigador foi capaz de combinar um conhecimento mais interno da configuração destas escolas e respetivos subdepartamentos de EF com uma perspetiva relativamente mais distanciada. Consideramos que este aspeto é importante e necessário se se quiser desenvolver um conhecimento mais adequado e uma maior sensibilidade para esta questão. Durante a recolha de dados e durante a fase de análise procuramos sempre colocar de lado ideias e crenças pessoais.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Quando questionados sobre as três disciplinas que mais gostavam e as três que menos gostavam verificamos que dos 72 alunos inquiridos, 58,3% consideraram a disciplina de EF como uma das suas três preferidas e 6% dos estudantes a consideraram como uma das disciplinas que menos gostavam (tabela 1). Enquanto 10% dos alunos inquiridos referiram que trocariam as aulas de EF por outra disciplina, 90% afirmaram que não trocariam esta disciplina por outra. Dos estudantes que mencionaram que a trocariam por outra disciplina, foram mais as raparigas que o afirmaram (5 raparigas e 2 rapazes).

Tabela 1: EF como disciplina preferida e preterida

	EF como disciplina preferida	EF como disciplina menos eleita
12º ano	19 (63%)	3 (10%)
9º ano	10 (55%)	1 (5.5%)
6º ano	13 (54%)	0
TOTAL	42 (58.3%)	4 (6%)

Os resultados encontrados, levam-nos a crer que o nível de satisfação na disciplina evidencia uma clara apreciação positiva, não só entre os diferentes ciclos de ensino, como também, em ambos os géneros, embora, seja importante notar que as alunas, mais que os rapazes, trocariam a EF por outra disciplina. Também, Moreno e Hellin (2007) referem no seu estudo que o género masculino “demonstra mais interesse” e “gosta mais” do que o feminino.

Quando questionados sobre o modo como avaliam as suas aulas de EF, verificamos que 27.7% consideraram as aulas de EF ótimas e 59.7% boas, não se registando nenhuma consideração menos positiva, testemunhando que, aparentemente, as aulas seriam bem lecionadas e o clima de aula era agradável (tabela 2).

Tabela 2: Avaliação da aula de EF

Aulas Ed. Física	12º ano	9º ano	6º ano	TOTAL
Ótimas	9	4	7	20(27.7%)
Boas	15	13	15	43(59.7%)
Satisfatórias	6	1	2	9(1.5%)
Insatisfatórias	-	-	-	-
Muito Insatisfatórias	-	-	-	-

Sobre a modalidade desportiva que mais gostaram de abordar na escola, verificamos que as modalidades com maior aceitação pelo grupo de estudo foram, o Voleibol e o Basquetebol (n = 26). Ao fazer a destringa por ano letivo constatou-se que no 12º ano, a natação (n = 14) foi a modalidade que os alunos mais gostaram, no 9º ano foi o basquetebol e no 6º ano o futebol (n = 11).

Estes resultados encontram-se em concordância com os estudos realizados por N. Rebelo (2010) e V. Rebelo (2010), nos quais também os desportos coletivos foram as modalidades eleitas pelos estudantes quer do 9º ano quer do 12º ano de escolaridade.

Quanto às preferências das atividades abordadas e o género dos alunos, verificamos que os rapazes consideraram o futebol como a sua modalidade preferida (n = 18), enquanto as raparigas indicaram

esta modalidade como a preterida (n = 11). Tal facto parece mostrar como são influentes as conceções e as relações construídas socialmente em relação aos géneros, uma vez que, “pode gerar comparações e conflitos perante as diferenças socialmente construídas em relação às habilidades e aos conhecimentos acerca desta modalidade” (FILGUEIRAS, et al., 2007, p. 28). Neste contexto, a influência do professor, dependendo da sua atitude, da sua conceção educacional e dos seus valores, pode favorecer ou diminuir as diferenças entre géneros, como o gosto por determinadas modalidades (CALDAS; HUBNER, 2001). Enquanto o futebol foi a modalidade preterida pelas raparigas, o Voleibol e o Atletismo (n = 14) e o Basquetebol (n = 13) foram indicadas como as preferidas por este género. Tal facto poderá ser justificado pela realidade desportiva existente na região,

com forte expressão no basquetebol, principalmente, no escalão feminino; o voleibol, por se apresentar com uma certa neutralidade, ou seja, que possa ser uma matéria não estereotipada em relação ao sexo dos participantes, potencializando a sua boa aceitação (FILGUEIRAS et al., 2007); e, por fim, o atletismo, por ser uma modalidade individual, onde não existe contacto físico, permitindo aos alunos distanciarem-se de relacionamentos indesejados (MARTINELLI et al., 2006; PAIANO, 2006). Ainda relativo ao atletismo, relembramos que foram especificadas pelos alunos, algumas disciplinas mais técnicas pertencentes à modalidade e, não a modalidade no seu todo, podendo ser também uma justificação para os dados apresentados.

Ao nível do 2º e 3º ciclo, à exceção de um aluno, todos mencionaram que as modalidades que mais gostaram de abordar nas aulas de EF foram as de âmbito nuclear e pertencentes ao “programa comum nacional” (basquetebol, futebol, voleibol, etc.). Estes dados não surpreendem, pois só se tem opinião crítica sobre algo quando se experiencia e, portanto, parece confirmar-se a ideia de que existe uma forte lacuna logística, nas escolas estudadas, o que as impede de assumirem plenamente a diversidade de matérias da composição curricular da disciplina. Ao compararmos com os alunos do secundário, a natação seguida do voleibol foram as modalidades que tiveram mais aceitação mas, foram ainda referidas o badminton e o rãguebi, parecendo revelar que os professores deste ciclo de ensino têm procurado a elevação da qualidade da EF e a ampliação dos seus efeitos através da inclusão de matérias alternativas, tal como indica o Programa Nacional de Educação Física (PNEF) (BOM et al., 2001). Contudo,

e ainda na ESM, verificamos que a variabilidade de matérias não era extensível a todos os docentes e que algumas, inclusivamente, foram abordadas apenas pontualmente ou sem sequencialização de conteúdos.

Sobre a modalidade desportiva que menos gostaram de abordar na escola, verificamos que no 12º ano foi a ginástica (n = 12), no 9º ano o atletismo (n = 8) e no 6º ano o futebol (n = 8). Todavia no universo do grupo estudado observamos que o futebol foi a modalidade menos apreciada, mesmo sendo a modalidade desportiva de referência nacional e indicada como uma das três preferidas pelo grupo estudado. Também nos estudos efetuados por N. Rebelo (2010) e V. Rebelo (2010) as modalidades menos preferidas foram a ginástica e o atletismo.

Se examinarmos as escolhas por género, mesmo havendo diferenças de valores nos diferentes ciclos de ensino, verificou-se que nos rapazes a modalidade menos considerada foi a ginástica (n = 13) e nas raparigas, o futebol (n = 11).

À pergunta “Existe alguma modalidade(s) desportiva(s) que nunca praticaste nesta escola mas que gostarias que os professores ensinassem?”, os inquiridos mencionaram o ténis (2♂ - 12º; 1♂ - 9º; 1♂ - 6º; 4♀ - 12º; 3♀ - 9º; 1♀ - 6º); a dança (1♂ - 12º; 4♀ - 12º; 1♀ - 9º); o BTT (2♂ - 9º; 3♂ - 6º); a canoagem (1♂ - 9º; 2♀ - 12º; 1♀ - 9º); a patinagem (1♂ - 12º; 1♀ - 12º; 2♀ - 6º); o hóquei em patins (2♂ - 12º; 1♀ - 12º; 1♀ - 6º); a natação (3♂ - 9º; 1♀ - 9º); o judo (1♂ - 12º; 2♂ - 6º; 1♀ - 12º); o rãguebi (1♂ - 12º; 1♂ - 9º; 1♀ - 9º); o hipismo (13♀ - 6º) e o ténis de mesa (1♂ - 6º; 1♀ - 6º). Foram ainda registadas outras modalidades mas com pouca expressão, andebol (1♂ - 6º); artes marciais (1♂ - 9º); desportos radicais (1♂ - 12º); downhill (1♂ - 6º; 1♂ - 12º);

futebol de praia (1♂-12º); ginástica acrobática (1♀-6º); karatê (1♀-9º); kickbox (1♀-9º); lutas (1♂-12º); paintball (1♂-9º); parkour (1♂-6º); remo (1♀-9º); salto à vara (1♂-6º); surf (1♂-12º); windsurf (1♂-12º).

Esta manifesta satisfação, relativa às diversas opções de matérias oferecidas pelas escolas levanta algumas questões sobre esta escolha: será que não tiveram vivências desportivas suficientemente abrangentes? As escolas darão a conhecer diferentes modalidades? Se julgarmos que esta opção para os alunos do 6º ano poderá ser aceitável, dado ainda se encontrarem numa fase muito embrionária no que respeita à participação em aulas de EF, já para os 9º e 12º anos esta “apatia” poderá revelar uma falta de vivências desportivas suficientemente ricas, para que o sentido crítico dos alunos se mantenha em pleno. Ferreira (2005, p. 130) refere que as matérias do programa que fazem parte do grupo das alternativas “são apresentadas como pouco conhecidas e pouco ou nada praticadas”. Diz o autor que as modalidades que os alunos assinalaram como as que conheciam mais ou menos, de uma forma geral, foram coincidentes com as mais ou menos praticadas nas aulas e, exemplificou, com o corfebol, a ginástica acrobática e a rítmica, o judo e a canoagem, entre outras. Talvez seja esta, uma explicação para os alunos não indicarem nenhuma outra matéria que gostassem de aprender, ou seja, falta de conhecimento.

Se separarmos pelos diferentes ciclos, observamos que as modalidades mais desejadas são: no 12º ano, o ténis, seguido da dança; no 9º ano, o ténis a par da natação; e, no 6º ano, o btt e o hipismo com valores semelhantes. Se fizermos distinção dos géneros, verificamos que as matérias que as alunas gostariam de aprender seriam

o ténis e a dança e nos alunos seriam o btt e o ténis.

Facilmente se conclui que os alunos sugerem matérias, que não pertencem ao «tronco comum nacional», alternativas e individuais, pelo que é fundamental que a escola amplie o leque de atividades na tentativa de aumentar os níveis de satisfação, motivação, conhecimentos desportivos e participação na disciplina.

Se algumas das matérias indicadas pelos alunos (ex. hipismo), nos parecem de difícil exequibilidade enquanto unidades temáticas, por outro lado, deduz-se forçosamente a existência de algumas falhas na conceção do currículo dos alunos, nomeadamente, a não inclusão das danças no ensino secundário. Sendo esta matéria, para o ciclo de ensino em questão, de caráter obrigatório no currículo da disciplina, consideramos esta “omissão” um indício revelador do pouco à vontade que os docentes podem ter para com esta matéria.

Sugere-se que os professores tenham a preocupação de dialogar com os alunos sobre as atividades que mais gostariam de praticar durante as aulas ou então dessem a opção de escolherem algumas atividades e fizessem uma discussão sobre a importância e os benefícios da sua prática. Sobretudo, o que gostaríamos de salientar é a importância dos professores valorizarem os diversos conteúdos que o PNEF contempla, incluindo no currículo da disciplina as ginásticas, as lutas, os jogos, as danças, os patins, aumentando o conhecimento do corpo, melhorando comportamentos, influenciando atitudes, abrangendo a EF escolar em todas as dimensões.

Quando inquiridos sobre o que gostariam de ver melhorado nas aulas de EF, os alunos indicaram por ordem de importância:

Tabela 3: Prioridades dos alunos do 12º ano na melhoria da disciplina de EF

12ºAno / Priorid.	1ª			2ª			3ª			4ª			5ª			6ª		
	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ
Gênero																		
Instalações Desportivas	4	1	5	4	1	5	2	3	5	-	4	4	2	2	4	3	4	7
Qualidade do Professor	1	-	1	1	-	1	1	-	1	-	3	3	6	4	10	6	8	14
Aulas Práticas	3	10	13	4	2	6	4	1	5	3	1	4	-	-	-	1	1	2
Relações Interpessoais	-	-	-	-	5	5	2	5	7	9	2	11	4	2	6	-	1	1
Atividades Extracurriculares	4	1	5	2	6	8	3	2	5	3	2	5	1	3	4	2	1	3
Material	3	3	6	4	1	5	3	4	7	1	3	4	2	4	6	2	-	2

Podemos observar que no 12º ano, a prioridade na melhoria da disciplina para as alunas, expressa essencialmente motivos intrínsecos centrados na atividade, isto é, as aulas práticas (n = 13), tendo essa escolha sido feita por dez alunas (67%). É, portanto, necessário não criar rotinas e fazer uma correta gestão do planeamento curricular. Também Martinelli et al. (2006) num estudo feito apenas com raparigas, referiram que estas não gostavam das aulas de EF porque não gostavam das propostas curriculares

apresentadas, particularmente, nas modalidades de voleibol, basquetebol, andebol e futebol e sugeriam como alternativa matérias como o atletismo, a ginástica artística, a dança, a natação e o yoga.

Nos rapazes esta foi considerada a 2ª prioridade, sendo que a principal apontada se reparte pelas instalações desportivas e atividades extracurriculares, com quatro alunos (27%) respetivamente. Verifica-se, ainda que a qualidade do professor seria o último fator a ser melhorado.

Tabela 4: Prioridades dos alunos do 9º ano na melhoria da disciplina de EF

9ºAno / Priorid.	1ª			2ª			3ª			4ª			5ª			6ª		
	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ
Instalações Desportivas	2	5	7	2	3	5	2	1	3	2	-	2	1	-	1	-	-	-
Qualidade do Professor	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2	2	8	7	15
Aulas Práticas	-	1	1	2	1	3	-	2	2	6	3	9	1	2	3	-	-	-
Relações Interpessoais	-	1	1	-	-	-	1	-	1	-	5	5	7	3	10	1	-	1
Atividades Extracurriculares	5	3	7	2	2	4	2	2	4	-	2	2	-	-	-	-	1	1
Material	2	-	2	3	3	6	3	4	7	1	1	2	-	-	-	-	1	1

De referir que, 30% dos alunos do 9º ano mostraram que gostariam de ver mudado com primazia as atividades extracurriculares (n = 7) e as instalações desportivas (n = 7). Assim, desde logo, as raparigas gostariam de ver melhoradas as instalações desportivas enquanto, nos rapazes, seriam as atividades extracurriculares. Reparámos, também, que as aulas práticas foram a 4ª prioridade, e que quinze (83%) dos dezoito alunos inquiridos indicaram “a qualidade do professor” como última prioridade. Revelando que, “aos olhos” destes alunos, a imagem profissional do seu professor de EF é elevada.

Também na pesquisa efetuada por N. Rebelo (2010), os alunos afirmam que a melhoria das infraestruturas, bem como a existência de uma maior variedade de desportos, constituem os principais aspetos a desenvolver para que as aulas de EF se tornem mais motivadoras e atraentes. Por outro lado, no estudo de V. Rebelo (2010) os alunos defendem o aumento da carga horária da disciplina e a introdução de novas modalidades.

Estes resultados parecem ir ao encontro da pesquisa de Caldas e Hubner (2001) onde é indicado que a escolha de atividades agradáveis e desagradáveis na escola foi associada à relação com o professor. Leiam-se algumas opiniões dos alunos:

“O meu professor é simpático, amigo, explica bem a matéria, as suas aulas são boas, e é um professor que irá marcar para a vida, uma vez que, irei formar-me em desporto muito por causa dele.” (♂-15 anos);

“O meu professor é bastante simpático e compreensivo, ajuda os alunos a superar as suas dificuldades desde que veja que estão empenhados. Por vezes é um pouco rígido mas se assim não fosse não haveria disciplina nas aulas... Acho que explica bem a matéria e é bastante claro na maneira como fala e tem a preocupação de saber se todos os alunos o compreenderam. Gosto muito das aulas porque são muito divertidas e o feitio do professor ajuda-nos a estarmos mais descontraídos. Todos nós sabemos que podemos contar com ele para todo o género de preocupações.” (♀-14 anos);

“O meu professor é divertido, culto, simpático, ativo, motiva os alunos a fazer Educação Física, bom professor, amigo, desportivo, justo e autoritário. Às vezes é exigente demais (mas isso é bom), fica irritado quando o enervam (normalmente são os alunos) mas é muito boa pessoa. Acho que este professor tem capacidades para lidar com qualquer tipo de alunos e ensina-los.” (♀-15 anos);

“É bom professor, é compreensivo em ocasiões necessárias, realiza aulas e exercícios divertidos, puxa pelos alunos de modo a que deem o seu máximo, é para além de professor, um amigo, é simpático, é assíduo e pontual, etc.” (♀-14 anos);

“É o melhor professor que já tive nesta área porque ... explica tudo com calma e se for necessário mais do que uma vez, ajuda-nos bastante a superar as nossas dificuldades ensinando-nos algumas técnicas para não voltarmos a cometer os mesmos erros.” (♀-14 anos).

Tabela 5: Prioridades dos alunos do 6º ano na melhoria da disciplina de EF

6ºAno / Priorid.	1ª			2ª			3ª			4ª			5ª			6ª		
	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ	♂	♀	Σ
Gênero																		
Instalações Desportivas	5	-	5	2	3	5	3	1	4	-	3	3	1	3	4	1	2	3
Qualidade do Professor	2	2	4	-	-	-	2	6	8	3	-	3	1	2	3	4	2	6
Aulas Práticas	-	3	3	3	3	6	1	1	2	3	3	6	3	-	3	2	2	4
Relações Interpessoais	1	-	1	2	3	5	3	4	7	2	1	3	2	1	3	2	3	5
Atividades Extracurriculares	3	5	8	2	-	2	2	-	2	2	-	2	2	4	6	1	3	4
Material	-	1	1	4	4	8	-	-	-	3	4	7	3	3	6	2	-	2

Relativamente aos alunos do 6º ano, a prioridade foi para as “atividades extracurriculares” (33%), seguido do “material” (tabela 5). Porém, ao distinguir a prioridade entre géneros, verifica-se que a escolha dos rapazes (41%) recaiu sobre as “instalações desportivas”.

Ao contrário do que foi observado nos outros níveis de ensino, a “qualidade do professor” (n = 8) foi o terceiro fator a ser mudado. Parece-nos, ainda, existir uma certa associação com as “aulas práticas”, uma vez que, ao analisar esse item isoladamente verifica-se que a segunda prioridade é a que contém o maior número de alunos (n = 6). Aqui ficam algumas respostas dadas pelos alunos deste nível de ensino sobre o modo como caracterizavam o professor:

“Fixe. Não é muito divertido, ensina bem” (♀-12 anos);

“...ralha muito e é muito pouco amigo de alguns alunos” (♂-12 anos);

“Um pouco chato mas compreensivo. Também aborrecido. Não dá as aulas muito bem, não são muito divertidas” (♀-11 anos);

“Penso que o meu professor é um estagiário que tem pouca experiencia a dar aulas e não deveria admitir na aula certos comportamentos.” (♂-13 anos);

“Acho que é um professor muito brando.” (♀-12 anos);

“acho que o meu professor sendo estagiário não tem tanta experiencia como o professor já formado. Acho que é um professor divertido com exercícios variados...é um bom professor” (♀-11 anos);

“É bom para o nível dele mas podia ser melhor” (♂-11 anos);

“Gostava que fosse mais autoritário e menos brincalhão. Dá bem aulas e é responsável”(♂-11 anos).

Apesar de algumas turmas terem tido professores que eram estagiários a lecionar as suas aulas, foi possível constatar que as opiniões acerca dos estudantes estagiários divergiam, para além de que, algumas das afirmações acima citadas foram enunciadas por alunos de outros docentes. Assim, não nos parece que sejam os estudantes estagiários a causa para que os alunos possam atribuir como terceira prioridade a ser alterada “a qualidade do professor”. Cavaco (1993, p. 115) assegura que “Os alunos afirmam, em geral, e espontaneamente, que gostam de professores jovens”. Se pensarmos que na EBJM apenas um professor se encontrava acima dos 40 anos e pertencia ao 2º ciclo, complementaríamos a anterior afirmação com, gostam de um professor jovem, que

demonstra ter conhecimento da matéria, que transmite claramente esses conhecimentos, compreensivo, rigoroso, ativo, que demonstre atitude e que seja simpático e divertido.

Dos dados analisados, foi ainda possível tirar as seguintes ilações, as instalações desportivas foram consideradas, em ambas as escolas e nos diferentes ciclos, um dos pontos a serem melhorados. Julgamos que se deva, não às suas condições de preservação, nem ao insuficiente número de locais para a prática desportiva existente em ambas as escolas mas porque o pavilhão gimnodesportivo é dividido por três instituições – ESMV, EBJM e Escola Profissional – se adicionarmos a possibilidade de haver várias turmas a funcionar em simultâneo, principalmente, em tempo de chuva fica muito difícil de gerir os espaços. Estamos convictos ser esta a justificação para tal insatisfação.

Também as atividades extracurriculares têm sido muito visadas por todos os alunos. Estamos convictos que será devido ao sucesso que estas têm vindo a ter na comunidade estudantil. Sobral (1995 apud CARRON, 1980) afirma que as crianças ou jovens selecionam entre as atividades que lhes são oferecidas, aquela que lhes é mais gratificante porque contribui para satisfazer uma necessidade orgânica ou porque é socialmente significativa. Ambas as escolas têm aproveitado estes momentos para a divulgação de modalidades “diferentes” que, pela escassez de material, pela falta de condições naturais para a sua realização ou pelo gosto pessoal de alguns dos docentes por determinadas modalidades, aproveitam os seus conhecimentos na oferta destas atividades. As idas à neve para fazer ski ou snowboard, as idas ao mar para aprenderem

surf ou bodyboard, os acampamentos organizados, os passeios de btt, os torneios de futebol e rãguebi de praia, têm um êxito muito considerável e, portanto, a referência tão vincada para que estas atividades tenham ainda mais expressão, não surpreende.

Um dos fatores que pode condicionar a satisfação dos alunos são as relações interpessoais. Embora este ponto englobasse também as relações entre alunos, professores e funcionários foi possível verificar que, a prioridade dada a este tema variou entre ciclos de ensino. Se o 2º ciclo a considerou como a 4ª prioridade e o 3º ciclo como a 5ª prioridade, já o secundário destacou-a como a 3ª prioridade a ser modificada. Não nos parecendo que a relação com os funcionários possa ter uma relação fortemente casuística e, tendo em conta que a imagem do professor, já anteriormente aqui abordada, teve maiores críticas nos alunos do 2º ciclo, tudo parece indicar que se deverá à relação entre pares. Mesmo que este estudo não tenha pretendido estudar esse aspeto, poderá ser justificado, pelo desrespeito, humilhações e a chacota que os alunos menos habilidosos são submetidos na EF, em particular, em algumas atividades coletivas como Paiano (2006) verificou nos seus estudos.

CONCLUSÕES

Em ambas as escolas estudadas, a disciplina de EF goza de grande simpatia. Dos 72 alunos inquiridos, 58% consideram a disciplina de EF como uma das suas três preferidas e apenas 10% trocariam as aulas de EF por outra disciplina, permitindo-nos afirmar, que já lá vai o tempo em que a disciplina era unanimemente tida como

a preferida dos alunos. Tal afirmação não ousa dirigir-se ao trabalho dos professores de EF, até porque a disciplina tem sofrido nos últimos anos a esta parte uma enorme evolução, em consequência da, entre muitos outros aspetos, formação dos docentes (inicial e contínua) e acompanhada por uma reconhecida mudança de atitude e profissionalismo. Preocupa-nos sim, se a preferência dos alunos recai noutras disciplinas ou se o desinteresse é generalizado. Ou então, se os motivos não se devem à consequência da evolução da sociedade e ao aumento do sedentarismo, da obesidade, do ócio, etc. Por outro lado, aparentemente, as aulas parecem ser bem lecionadas e o clima de aula é agradável, uma vez que, não se registou qualquer consideração menos positiva quanto à opinião dos alunos sobre as aulas. Também a imagem profissional dos professores é elevada; pois se para os alunos do 6º ano, a qualidade do professor (conhecimento transmitido, maneira de ministrar a aula, etc.), seria a terceira prioridade (de seis) a ser melhorada, já para os alunos do 9º e do 12º ano seria a última. O que nos permite confirmar que o professor tem um papel crucial na satisfação e motivação dos alunos.

Todavia, foi possível verificar que na tentativa de melhoria da disciplina as prioridades expressas pelos alunos divergiram entre os distintos ciclos de ensino e entre géneros. No 12º ano, de entre as seis prioridades que os alunos deveriam ordenar, a primeira apontava essencialmente para motivos intrínsecos centrados na atividade, isto é, as aulas práticas, tendo essa escolha sido feita por 67% das alunas. A principal prioridade referida pelos rapazes repartia-se pelas instalações desportivas e atividades extracurriculares (torneios,

passeios, etc.). Relativamente ao 9º ano, os alunos demonstraram que gostariam de ver mudado, com primazia, as atividades extracurriculares e as instalações desportivas. Ao separar os géneros verificámos que as raparigas gostariam de ver melhoradas as instalações desportivas, enquanto nos rapazes seriam as atividades extracurriculares. As aulas práticas foram indicadas como a quarta prioridade. Quanto aos alunos do 6º ano, a prioridade foi para as atividades extracurriculares, seguida do material. Porém, na destringência de géneros, verificámos que a escolha dos rapazes recaía sobre as “instalações desportivas”.

No que respeita às “aulas práticas” constatámos que, das matérias sugeridas pelos alunos nunca praticadas na escola mas que gostariam que os professores ensinassem, se destacam atividades na natureza ou ao ar livre, desportos que envolvam algum risco, modalidades recentemente criadas e de cariz mais individual.

Observámos também que 30% dos alunos não sugeriram nenhuma nova modalidade a lecionar na escola. Ou seja, se para os alunos do 6º ano poderá ser aceitável, face à recente participação em aulas de EF; já para os 9º e 12º anos, este “acomodar” pode ser efeito da ausência de um horizonte desportivo pouco estendido, para que o seu sentido crítico se mantenha em pleno. Se a preferência para os alunos do secundário recai em algumas modalidades alternativas (natação, rãguebi, badminton), que notamos não terem constado do planeamento de todas as turmas como unidades temáticas; as matérias que os alunos da EBJM mais gostaram de abordar são, sem exceção, todas de contorno nuclear e pertencem ao programa comum nacional, pelo que, além de ser revelador da repetição e limitação

das matérias que compõe o currículo de EF, também não nos surpreende, uma vez que, a experiência é que promove a crítica.

Foi igualmente possível concluir que no grupo de alunos estudado, as matérias menos apreciadas são o Futebol, a Ginástica, o Atletismo e o Basquetebol. Sendo que no 12º ano, a ginástica é a matéria que os alunos menos gostam; no 9º ano é o atletismo e no 6º ano é o futebol. Embora haja discrepâncias de valores nos diferentes ciclos de ensino, verificamos que no universo dos rapazes a modalidade menos considerada é a ginástica e das raparigas é o futebol.

No que respeita às matérias que os alunos mais gostaram de abordar foram o Voleibol, o Basquetebol, o Futebol e o Atletismo. Ao fazer a separação por ano letivo constata-se que no 12º ano, a natação é a modalidade preferida dos alunos, no 9º ano o basquetebol e no 6º ano o futebol. Registámos ainda uma contraditória opinião entre géneros acerca do futebol, isto é, se por um lado os rapazes a consideram como a sua matéria preferida, por outro, as meninas citam-na como a preterida, bem reveladora de como são influentes as concepções e as relações constituídas socialmente em relação aos géneros e à prática de determinadas modalidades desportivas.

Mais pudemos concluir que as preferências dos alunos por determinadas matérias gozam da influência do professor dependendo da sua atitude, do seu conhecimento, da forma como leciona e se relaciona com os alunos; da realidade desportiva existente na região, bem como, da aceitação individual por determinadas matérias, veja-se o exemplo do atletismo, em que há preferência pelas disciplinas mais técnicas. Relativamente a este último

fator, ainda que necessite de um estudo mais aprofundado, ficámos com a ideia que as preferências recaem nas modalidades que, fundamentalmente, apresentem uma certa neutralidade em relação ao género dos participantes (ex. voleibol) e que permitam distanciarem-se de relacionamentos indesejados, sendo mais perceptível nas escolhas feitas pelos alunos do secundário.

Os resultados apesar de, aparentemente, poderem parecer muito módicos atendendo ao número de entrevistados, poderão ser uma primeira informação sobre os níveis de satisfação e permitem ter uma ideia do impacto psicológico e motivacional dos estudantes nas aulas de EF. Poderão ainda permitir a identificação das necessidades a estabelecer e das estratégias para favorecer a motivação, logo, o sucesso da disciplina. Se o ensino para se manter atualizado não se pode afastar das tendências atuais, a EF, em particular, não se deve afastar das tendências que vão ocorrendo no âmbito das didáticas, da fisiologia e dos princípios do treino, mas também, deve estar atenta e acompanhar as tendências que surgem no mercado, sejam elas materiais didático/desportivos, sejam elas novas modalidades, promovendo no professor um espírito de abertura, de inquietude e da capacidade criativa; e, nos alunos o aumento da motivação e satisfação na disciplina.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A.; GRAÇA, A.; JANUÁRIO, C. **A Supervisão Pedagógica em Educação Física. A perspectiva do orientador de estágio**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

- BOGDAN, R.; BIRKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.
- BOM, L., et al. **Programa Nacional de Educação Física - 3º ciclo.** 2001. Disponível em: <http://sitio.dgfdc.min-edu.pt>. Acesso em
- CALDAS, R.; HUBNER, M. O desencantamento com o aprender na escola: o que dizem professores e alunos. **Psicologia: teoria e prática**, v.3, n. 2, p. 71-82, 2001. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1091/804>. Acesso em Mar./2013.
- CARVALHO, C. Educação física escolar: considerações sobre os programas de educação física. **Revista Horizonte**, v. XII, n. 70, p. 136-138, 1995.
- CAVACO, M. **Ser professor em Portugal.** Lisboa: Editorial Teorema, 1993.
- EARL, L.M.; STENNETT, R. G. Student attitudes toward physical and health education in secondary schools in Ontario. **Physical Education and Recreation Journal**, v. 53, n. 4, 4-11, 1987.
- ELIAS, N. **Involvement and Detachment.** Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- FERREIRA, J. **A importância da motivação nas aulas de educação física: estudo com alunos do 2º ciclo do ensino básico.** Covilhã: Dissertação de Mestrado da Universidade da Beira Interior, 2005.
- FILGUEIRAS, I., ET AL. Concepções e preferências sobre as aulas de educação física escolar: uma análise da perspectiva discente. **Revista MacKenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 23-31, 2007. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1219/935>. Acesso em Jan./2013.
- FOLLE, A., POZZOBON, M., & BRUM, C. Modelos de ensino, nível de satisfação e factores motivacionais presentes nas aulas de Educação Física. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 16, n. 2, p. 145-154, 2005. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3386/2424>. Acesso em Jan./2013.
- LUKE, M., & SINCLAIR, G. Gender Differences in Adolescents' Attitudes Toward School Physical Education. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 11, p. 31-46, 1991.
- MARTINELLI, C., et al. Educação física no ensino medio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar nas aulas. **Revista MacKenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1288/993>. Acesso em Jan./2013.
- MORENO, J., & CERVELLÓ, E. Pensamiento del alumno hacia la Educación Física: su relación con la práctica deportiva y el carácter del educador. **Enseñanza**, v. 21, p. 345-362, 2004.
- MORENO, J., & HELLIN, M. El interés del alumnado de educación secundaria obligatoria hacia la Educación Física. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 9, n. 2, 2007. Disponível em <http://redie.uabc.mx/vol9no2/contenido-moreno.html>. Acesso em Fev./2013
- MORENO, J., et al. ¿Puede el comportamiento del profesor influir en la valoración que el alumno realiza de la Educación Física? Comunicação apresentada no III Congresso Internacional de Educación Física e Interculturalidad Murcia, 2002.

- PAIANO, R. Possibilidades de orientação prática pedagógica do professor de educação física: situações de desprazer na opinião dos alunos. **Revista MacKenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 1, 47-58, 2006. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1301/1005>. Acesso em Fev./2013.
- REBELO, N. **Os jovens e a Educação Física. Estudo centrado em alunos do 9.º ano de escolaridade de uma cidade do Norte Interior**. Vila real: Dissertação de Mestrado da UTAD, 2010.
- REBELO, V. **Representações, práticas e aspirações de alunos do 12ºano de escolaridade face à disciplina de Educação Física**. Vila real: Dissertação de Mestrado da UTAD, 2010.
- SÁ, V. **Racionalidade e práticas na gestão pedagógica: o caso do director de turma**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1997.
- SOBRAL, F. Determinantes culturais da prática desportiva das crianças e dos adolescentes. **Agon: revista crítica de desporto e educação física**, n.1, p. 11-21, 1995.
- SOUSA, A. **A investigação em educação**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

“AGAIN, TEACHER?” students perceptions in relation to Physical Education

ABSTRACT

This study had as its main goal to assess the level of (dis) satisfaction of the students of the 2/3 cycles Jorge Montemor School and the Montemor Secondary School in relation to the thematic units addressed. A structured interview was administered to 72 students between 11 and 19 years old. The discipline of EF emerged as the favorite amongst the students. In relation to the various sports addressed, the students' preferences, fell on volleyball, basketball, football and athletics. Outdoor activities, sports involving some risk and sports of a more individual nature were the students' main suggestions.

Keywords: Physical Education; (dis)satisfaction; Perceptions; Students.

Recebido em: fevereiro/2013

Aprovado em: junho/2013